



Globalização, Religião e Missão. Uma análise sociológica da expansão mundial das igrejas brasileiras evangélicas e católicas.

Eduardo Gabriel
UFSCar Brasil

Introdução

O propósito desta pesquisa é investigar a relevância dos aspectos mais gerais na relação entre o fenômeno da globalização e a religião. Objetivamente, o ponto focal deste estudo é o processo missionário das igrejas evangélicas brasileiras. Como base de análise comparativa, observaremos também o processo missionário católico no que se refere ao envio de religiosos brasileiros para obras missionárias fora do país. Este artigo é uma versão resumida da minha monografia de conclusão de curso.

Entender o processo missionário em suas causas e conseqüências é primeiro visualizar um mundo religioso plural. Essa religiosidade global em franca expansão é marcada pelo fluxo dos impactos da globalização de diversas culturas. Isolar as variáveis sociológicas da globalização intrínsecas ao processo missionário seria não se comprometer a entender uma realidade fundamental que impulsiona esse processo religioso. Assim, o

objetivo maior desta pesquisa é desvendar os domínios sociológicos que estão no bojo do fenômeno da globalização da religião brasileira, identificado pelo movimento de envio missionário evangélico e católico a partir do contexto religioso nacional.

A escolha do processo missionário como foco central de estudo deve-se pelo fato de que é a partir desse processo que a globalização da religião, especialmente a brasileira, pode ser dimensionada num sentido concreto em que se despontam, além de um embasamento teológico, aspectos da própria lógica “globalizante”, como por exemplo, a suntuosa expansão das igrejas brasileiras (com destaque às igrejas evangélicas) em direção aos cinco continentes. Esse trânsito global religioso pode ser entendido como a maneira de se transformar o “local” (igrejas nacionais) em “universal” (igrejas transculturais ou além-fronteiras). É exatamente a compreensão sociológica desse “trânsito religioso” de missionários brasileiros entre países que buscaremos evidenciar ao longo da discussão.

A metodologia que empregamos para estruturar esta investigação baseou-se em pesquisa bibliográfica com a leitura de artigos publicados por instituições científicas sobre globalização e religião. Outras importantes fontes de informações foram os órgãos religiosos (agências missionárias, congregações religiosas, etc.) que divulgam informativos sobre as missões religiosas. O principal contato para coleta de material foram as pesquisas em sítios da rede, onde foi possível o acesso a um conteúdo expressivo de dados estatísticos sobre missões. Foram realizadas entrevistas abertas com missionários, professores de missão, missiólogos, diretores de missões, etc.

Na primeira parte analisaremos a relação entre globalização e religião, através de uma análise geral dessa relação. Na segunda parte enfocaremos a evolução histórica das missões evangélicas e católicas. Na terceira parte apresentaremos as características gerais das missões transculturais evangélicas e das missões além-fronteiras católicas. Por fim, apontaremos as principais conclusões que conseguimos elaborar desta pesquisa.

Relações entre Globalização e Religião

A compreensão da expansão religiosa, em especial das igrejas brasileiras, deve ser entendida numa abordagem da relação religião e globalização na sociedade contemporânea. Essa relação assume real importância na medida em que observamos, dentro da instituição eclesial, uma lógica que se aproxima, num sentido mais amplo, da lógica do processo de globalização. Ou seja, numa primeira observação, percebemos que a direção dessa expansão espalha-se por todo o globo.

A globalização assume contornos de um fenômeno de múltiplas significações. As vertentes mais relevantes são as conotações progressivas de alcance universal de temas. É reconhecidamente características da globalização a simultaneidade das informações e a velocidade com que as pessoas se mobilizam pelo mundo. O grande dilema que se forma é o de construir uma globalização que não produza exclusão social, pensado pelo viés humanitário. Ou seja, assegurar que nenhum ser humano esteja excluído do que é essencial: educação, alimentação, saúde pública, justiça, segurança, etc. Em grande parte do discurso missionário está centrado neste discurso humanitário. Esta conotação terá implicações fundamentais nas missões como apresentaremos adiante.

A relação das categorias como “tempo” e “espaço” traduzem-nos a idéia fundamental da globalização: a simultaneidade dos acontecimentos, como se tudo ocorresse ao mesmo tempo e em escala planetária. Isso tem gerado a formação de uma “consciência global”, cujo significado missionário desta sentença pode ser entendido na busca de se incorporar os excluídos da globalização, ou melhor, os que ainda não possuem essa “consciência global” da fé cristã.

Cronologicamente a intensificação do processo de globalização se dá a partir da década de 1960 e se estende até hoje. Alguns elementos que compõem essa intensificação são: crescimento da consciência global, como já apontamos; meios de comunicação dos acontecimentos em escala global; multiculturalismo; reconhecimento internacional dos direitos humanos; entre outros. A expansão religiosa pelo globo parece não perder o ritmo dessas rápidas inovações tecnológicas e culturais. No contexto religioso nacional começa a se consolidar as estruturas eclesiais singulares ao estilo brasileiro da prática da fé cristã. A cultura brasileira torna-se predominante nos ritos cristãos (evangélicos e católicos). O impulso globalizante cria condições para a expansão religiosa do Terceiro Mundo. Esse

enfoque começa a inverter as tradicionais ondas de expansão do Primeiro Mundo. Num sentido histórico, o processo missionário deixa seus modelos unilaterais para um determinismo policêntrico do mundo globalizado.

Segundo Otávio Velho (1997) a globalização como objeto de investigação tem encontrado grande resistência no campo da antropologia. No bojo das principais discussões antropológicas, a antropologia tendeu a filiar-se ao pólo romântico dos grandes debates ocidentais.

Essa expansão, visualizada pelo processo missionário, carrega consigo alguns desafios. O principal deles é o confronto do choque cultural existentes nas missões transculturais. Neste sentido, há uma clara necessidade de que o pensamento religioso seja atualizado, afim de que tenha seus preceitos assumidos em diferentes culturas. Segundo Ortiz (2001), as transformações do pensamento religioso estariam ligados a transformações sociais conjunturais.

De maneira mais precisa, o papel que a religião assume nas sociedades modernas deve ser encarado no sentido da descentralização como forma de organização social. A quebra do monopólio religioso implica não o fim da religião, mas sua pluralidade, aponta Ortiz.

Howland Sanks¹ considera que Peter Beyer, principal teórico da relação globalização e religião, está preocupado com a influência pública da religião. Essa influência pode ser entendida, segundo Beyer, como uma opção liberal da religião, na medida em que aspectos econômicos e políticos, por exemplo, dão a tônica do discurso religioso. Um exemplo é a Teologia da Libertação. Outro aspecto dessa opção liberal é o acentuado pluralismo religioso. Outra opção é a conservadora. Essa opção reafirma os valores tradicionais, porém entra em conflito com as tendências da estrutura social global.

O que se evidencia a partir disso é que o discurso religioso, com destaque a orientação missionária, reveste-se de uma forte conotação referente aos problemas sociais, políticos e econômicos causados pela globalização.

Podemos observar que a eficiência da prática missionária não é justificada deslocada dos problemas decorrentes da globalização. Historicamente quando se observa a

missão religiosa do século XVI em direção ao “Novo Mundo” por parte de países centrais da Europa, como Portugal e Espanha, assim como as missões em direção ao continente africano e asiático no século XIX, por parte de outras potências européias como a França, Inglaterra e Alemanha, é fundamental a função desenvolvida pelo trabalho missionário, como promotor da suposta equidade social de inclusão daqueles que foram colocados à margem do processo colonialista e imperialista, no século XVI e XIX respectivamente. As missões do século XX, principalmente a partir da segunda metade, parecem reafirmar essa histórica predisposição religiosa missionária.

No Brasil, como demonstraremos, não há uma sólida estrutura de longa tradição na preparação dos missionários, em especial não há uma distinção de um preparo missiológico de um treinamento missionário. Em outros termos, as “ferramentas” da estrutura missionária no Brasil estão aquém da atual realidade social do mundo contemporâneo. As medidas para a solução deste descompasso, devem ser buscadas numa perspectiva de análise histórica, no sentido de que as missões evangélicas brasileiras provêm de um fenômeno recente, e muitos missionários de carreira ainda estão campo missionário, desta forma não há uma clara distinção do que deve ser um trabalho missiológico de um treinamento missionário.

Por outro lado, constata-se como saldo favorável ao trabalho missionário o fato de que o missionário brasileiro, como portador da cultura brasileira, possui um “facilitador de contatos. Assim, é encarado como alguém que toma iniciativas, conversa com a população, quer conhecer a realidade da população, faz perguntas, etc. Isso muitas vezes tem facilitado a adaptação transcultural. Esse traço cultural do missionário brasileiro tem sido, a princípio, um dos principais meios para a realização dos trabalhos no campo missionário das igrejas evangélica e católica.

Evolução Histórica das Missões Evangélicas Transculturais Brasileira.

¹ SANKS, T. Howland. **La globalización y la misión de la Iglesia.**

A história do desenvolvimento das missões transculturais das igrejas evangélicas brasileira deve ser analisada especialmente a partir das duas últimas décadas do século XX. Esse momento foi muito importante para as igrejas pois, representou uma notável expansão das religiões evangélicas no Brasil. Em outros termos, foi na metade da década 90 que as igrejas evangélicas tiveram um “boom” de missões transculturais. Esse episódio é promovido por uma convergência de acontecimentos social, político e econômico da conjuntura brasileira.

O COMIBAM (Congresso Missionário Ibero-Americano) promovido em 1987 na cidade de São Paulo marca o início do grande empenho de missões transculturais no Brasil. É a partir desse momento que as missões recebem uma nova orientação para envio de missionários. Introduziu-se a idéia de enviar equipes de missionários. Tornava-se cada vez mais crescente a idéia de que o Brasil seria o grande “seleiro” de missões transculturais.

As extensões e decorrências do COMIBAM podem ainda ser observadas de modo geral nos países da América Latina de tal modo que há pessoas que ainda estão desenvolvendo trabalhos missionários em campo como resultado do evento.

Outro importante desdobramento do COMIBAM é o surgimento de algumas agências de missões transculturais, algumas das mais destacadas são: Kairós, Avante, Antioquia, PMI (Povos Mulçumanos Internacional), Jocum, OM (Operação Mobilização), etc. O objetivo fundamental dessas agências é promover conferências missionárias nas igrejas, além de fornecer todo o processo de treinamento e recrutamento dos candidatos para missões transculturais. Essas agências são na maioria interdenominacionais.

Com todos esses acontecimentos surge um forte sentimento de impulso para o trabalho missionário transcultural, fazendo com que muitas igrejas rapidamente se envolvam com o processo de missões, a fim de lançarem seus missionários ao campo. Isso cria um certo sentimento de “imediatismo”, com um preparo inadequado ou insuficiente dos missionários. Esse fato trará alguns problemas para as agências, ou até mesmo para as igrejas, como discutiremos adiante.

Um importante fator que contribuiu para esse crescente processo de envio de missionários transculturais foi o de pensar o brasileiro como uma pessoa de grande adaptação cultural. Isso ajudou muito no início do processo.

Sob uma análise histórica, as missões brasileiras podem ser observadas em três distintos momentos. A primeira fase, como embrião missionário, esteve restrita em algumas denominações, como os batistas e presbiterianos na primeira década do século XX. A segunda fase ocorre com a chegada de missões interdenominacionais estrangeiras, como a OM, Jocum, WEC Internacional, AMEM, no fim da década de 60 e começo da década de 70. Essas missões chegam com o objetivo inicial de formar trabalhos em equipes de evangelização no Brasil. Essa chegada é também promovida pelo navio Doulus, que passa por quase todo o litoral brasileiro, a partir dos anos 70 recrutando brasileiros para missões. A terceira fase tem como marco o COMIBAM. Esse evento potencializou o movimento missionário que se iniciava com algumas ações pulverizadas, ele marca ainda o início do movimento missionário latino-americano.

É preciso se destacar que o COMIBAM foi fruto de uma soma de desejos, motivações, ambições e expectativas por parte das igrejas evangélicas brasileira, pois se tornava cada vez mais crescente o desejo missionário, em especial como um movimento genuinamente latino-americano. Com o COMIBAM ficou marcado definitivamente a potencialidade do envio missionário brasileiro, pois até então o Brasil era local de receber missionários, em especial missionários do Primeiro Mundo.

O primeiro país a receber missionários brasileiros foi Portugal. A grande motivação para entrar neste país se deve pela facilidade de comunicação pela aproximação linguística. É possível também perceber outros motivos. Portugal pode servir como “porta” de entrada para a comunidade européia e também propiciar a fixação de bases para o avanço em direção aos países da região norte do continente africano.

Em suma, a evolução histórica do movimento missionário evangélico brasileiro iniciou-se antes por vias da euforia e entusiasmo, do que um processo de experiência e consolidação teológica das igrejas evangélicas. Essa peculiar característica brasileira é o que se tornou a preocupação sociológica dessa pesquisa, pois a partir dessa premissa observaremos uma série de desdobramentos ligados aos fatores dessa expansão, com algumas implicações sociais, culturais, econômicas, etc., que nos permitirão entender as importantes mudanças no campo religioso evangélico brasileiro.

Evolução Histórica das Missões Católicas Brasileiras.

Traçar os contornos históricos das missões católicas seria um empreendimento bastante amplo que nos tomaria muitas horas de estudo, o que não seria viável para a realização desta pesquisa, nem tampouco é o objetivo central. Pretendemos apontar os principais aspectos das missões católicas, e o que representou para as atuais formas de missões.

Desde o início do cristianismo, o empreendimento missionário foi o de conversão de povos considerados pagãos. Assim, o forte sinal do cristianismo em sua origem é o de ser essencialmente missionário. Um exemplo disso pode-se perceber pela rápida expansão do cristianismo pela Grécia, Roma e Norte da África, nos primeiros anos do tempo cristão.

O primeiro personagem missionário foi o apóstolo Paulo, que a partir do ano 60 d.C. inicia a grande caminhada de evangelização em direção a Roma. Pela confluência de fatores culturais, sociais e políticos, a difusão do cristianismo é facilitada por todo o Império Romano. O discurso cristão adquire força pelo seu aspecto de pregação da liberdade dos escravos.

Na Idade Média o empreendimento missionário esteve voltado em conjunto com a expansão das Cruzadas. O objetivo neste momento foi a tentativa de libertação dos lugares Santos das mãos dos povos muçumanos, além do envio de missionários franciscanos e dominicanos para a Ásia.

A presença missionária católica se faz presente no Brasil pelo lastro da expansão ultramarina do século XVI. As missões chegam ao Brasil acompanhadas dos primeiros colonizadores europeus.

O primeiro momento dessas missões ocorre no litoral. A partir de 1549 a disseminação missionária esteve pautada pela política de fundação de colégios e implantação de aldeamentos. Esses trabalhos são liderados pelos jesuítas. No segundo momento, começa a penetração em direção ao interior através do Rio São Francisco e pelo Rio Tietê, a partir do Planalto de Piratininga. Os missionários constroem aldeamentos nas beiras dos rios. O terceiro momento se dá em direção a floresta Amazônica, onde avançam até suas fronteiras mais orientais entre 1620 e 1650. Por fim, o quarto momento se estende

na região de mineração e garimpo do ouro em 1700, nas cidades de Vila Rica, São João Del Rey, Tiradentes, Mariana, etc.

No final do século XIX o impulso missionário católico toma corpo pelo surgimento dos institutos missionários que nascem na Itália, como: PIME (Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras) criado em 1850 por Ângelo Ramazzotti; missionários Combonianos criado em 1867 por Daniel Comboni; missionários Xaverianos criado em 1895 por Guido Maria Conforti; missionários da Consolata criado em 1901 por José Allamano. Esses institutos missionários serão os responsáveis pelo posterior embrião missionário das congregações surgidas no Brasil.

Alguns momentos foram fundamentais para que a efetivação desse sentimento missionário católico brasileiro se afluísse. Para as missões católicas é sem dúvida a partir do Concílio Vaticano II, cuja convocatória ocorre em 1962 pelo Papa João XXIII (considerado “Papa de transição” por sua iniciativa de mudanças), que a Igreja brasileira volta-se para uma reflexão de sua missão evangelizadora no mundo, assim como toda a Igreja da América Latina. Os momentos como decorrência da efervescência conciliar pode ser observado nos documentos do episcopado latino-americano de Medellín (1968) e Puebla (1979), onde este último é considerado o “Concílio Vaticano da América Latina”. Embora esses momentos se refiram a uma realidade religiosa latino-americana, não se pode deixar de considerar a estruturação missionária brasileira tendo como eixo esses três fundamentais momentos. Na declaração missionária de Medellín e Puebla firmou-se a “opção preferencial pelos pobres”, como característica das missões católicas a partir do contexto latino-americano.

Com o documento “*Ad Gentes*”, decreto conciliar sobre a atividade missionária da Igreja, as missões tomam desenvoltura para um Mundo missionário, além de demonstrar a realidade de cada continente²: “o despertar dos povos” colonizados do Novo Mundo que buscam libertação e autonomia; “religiões tradicionais e antigas”; “comunismo invadente e perseguidor”; “novos sincretismos”.

O grande desafio no presente momento é pensar qual a postura missionária que a Igreja Católica deve assumir face ao mundo globalizado. Essa situação parece implicar um

desafio diferente dos momentos anteriores, pois o dilema atual da Igreja é tentar manter-se firme aos dogmas de fé frente a um mundo que não almeja ser exclusivamente divino.

Missões Transculturais das Igrejas Evangélicas Brasileiras.

A primeira característica das missões transculturais refere-se à lógica de escolha dos países para o envio de missionários. Busca-se enviar missionários para países nos quais “o evangelho não foi anunciado”.

Além disso, outra lógica é a de obedecer ao desejo pessoal de escolha do próprio missionário que sentiu o “chamado de Deus” para atuar em um determinado país. Porém, algumas agências procuram orientar o candidato na escolha do país que deseja atuar para que não se corra o risco de pessoas irem com uma visão missionária muito “romântica” para qualquer lugar que seja inviável.

A partir disso, entra em cena o papel das agências missionárias, que foram as principais formas de atuação investigadas nesta pesquisa. As agências enviadoras procuram estabelecer contatos de afinidade com a igreja local que receberá o missionário, como tem sido feito nas missões transculturais da Igreja Betesda. Estabelecem-se parcerias e o envolvimento para o envio do missionário tende a passar pelo crivo das condições de aceitação do missionário por parte da igreja local. De modo geral, essas agências oferecem todo o processo de treinamento do missionário, como também o acompanhamento e supervisão no campo missionário.

Para o envio do missionário, o trabalho das agências se faz primeiramente com um levantamento detalhado do país alvo. Através de um visita do executivo de missões, procura-se descobrir as reais necessidades do país, as facilidades de comunicação com a língua nacional, o custo de vida, etc. Com esses dados, a agência missionária em suas conferências missionárias procura lançar desafios às igrejas para enviar missionários. Destaca-se que um critério importante para se enviar missionário evangélico a um país, é que esse país possua menos de 5% de evangélicos, como é o critério da agência Kairós.

² “Por Uma Igreja Toda Missionária” p. 28

O processo de seleção do candidato para missões da agência Kairós é feito primeiramente através de correspondências diretas com os que respondem ao convite feito pela agência. Dos que respondem interessados, a agência chama para uma entrevista, e após esta segunda etapa selecionam-se os que vão para o treinamento intensivo na prática.

O trabalho de treinamento do missionário é feito sob grande tensão, pois se procura treinar a pessoa a viver no campo missionário propriamente, que poderá viver sob tensão. Feito este treinamento, que conta também com aulas expositivas sob temas teológicos, culturais, etc., a pessoa é enviada para o campo, que nos dois primeiros anos ainda é contado como parte do treinamento. O envio não é feito de forma direta ao país alvo, usa-se um país culturalmente próximo ao país objetivado, pois caso haja algum problema para retorno, os custos são menores. Esse sistema de envio é desenvolvido pela agência de missões Kairós.

A atenção dada ao processo missionário atualmente tem sido a de uma crescente preocupação substantiva quanto ao sucesso que as missões transculturais pode desempenhar com um missionário bem treinado. Evidencia-se hoje a preocupação em fornecer aos missionários subsídios concretos que lhe permitam atuar no campo missionário eficazmente. Com isso, questões como treinamento missionário adequado, preparação cultural, etc., tem sido alvo de destacada e importante ênfase a se priorizar por parte das agências. Essa preocupação das agências é entendida quando deparamo-nos com alguns erros das missões, como o retorno prematuro do missionário.

No campo missionário são diversos os tipos de trabalhos desenvolvidos. Desempenham-se trabalhos diários de treinamento teológico, como também formação de equipes de desenvolvimento que realizam processos educativos, organização comunitária da população, formação de lideranças, apoio à igreja local, etc. Há também trabalhos com projetos de “plantio de igrejas” (formação de igrejas autóctones, sendo que a evangelização já é feita para que essa igreja se torne também missionária). Exemplos de trabalhos sociais desenvolvidos é o de levar água potável para populações sem água tratada, e também trabalhos com desnutrição infantil. Enfim, o trabalho deve ser o de uma missão integral, cuja tarefa fundamental é ir evangelizar, “ver a igreja de Cristo estabelecida, ajudando aos demais necessitados da sociedade”, como nos relatou o missionário Marcos Amado da agência PMI -

Povos Mulçumanos Internacional. Esse sentimento traduz a forte preocupação missionária de fazer do Evangelho sua tradução prática e de forma engajada. Implícito a isto, busca-se o empreendimento eficaz na conversão de “novas almas”.

Um outro passo importante do treinamento missionário refere-se ao levantamento do sustento do missionário. Há várias maneiras pelas quais as agências procedem para tal levantamento. Algumas agências procuram ter a base de sustento salarial definido pela realidade do campo missionário, porque isso permitirá que o missionário tenha plenas condições para desempenhar seu trabalho de acordo com a realidade que estiver inserido.

Na maioria dos casos, o sustento do missionário é oriundo das ofertas recebidas pela igreja da qual o missionário faz parte, ou até mesmo, em alguns casos, o missionário procura obter apoio financeiro com ajuda de amigos pessoais e outras igrejas diretamente.

O melhor momento para levantar sustento de missionários foi quando a moeda nacional brasileira, o Real, esteve paralela com a moeda internacional do Dólar. Neste momento houve um grande impulso para o envio missionário. Com essa facilidade econômica, muitas igrejas enviaram missionários transculturais para o campo.

Esse modelo antigo em que o próprio missionário tem que levantar seu sustento foi utilizado como grande modelo e referencial no início do processo de envio. Porém, algumas pessoas envolvidas com o treinamento missionário crêem que esse modelo já não é mais adequado à realidade do contexto atual.

Hoje, as atuais flutuações econômicas do Real não têm provocado perdas diretas de obreiros que já estão no campo missionário, embora já tenha ocorrido uma diminuição considerável de envio de missionários. Os missionários que recebem sustento direto das igrejas procuram manter um elo pessoal com seus mantenedores, de tal forma que, para o missionário está claro que a oferta do mantenedor é um investimento no trabalho missionário e que por isso há total liberdade dos mantenedores no questionamento ou acompanhamento das prestações de contas.

Embora as condições econômicas do Brasil não estejam tão favoráveis para o envio de missionários, alguns executivos de agências acreditam que o “boom” missionário ainda não acabou e existem muitas igrejas que estão promovendo o envio de missionários, como argumenta Waldemar Carvalho, da agência Kairós e Marcos Agripino, da AMTB

(Associação de Missões Transculturais Brasileira) e APMT (Associação Presbiteriana de Missões Transculturais).

Outro fator considerável das missões transculturais de igrejas evangélicas brasileiras é o perfil do próprio missionário brasileiro. É notável que os missionários brasileiros possuem algumas vantagens que possibilitam uma maior aproximação com a população nacional.

A imagem do Brasil como um país “pacífico”, que não tem calamidades, não tem guerras civis, é a “terra do samba”, do carnaval e do futebol faz com que os missionários sejam bem recebidos no exterior. Essas principais pontes de ligação cultural, permitem que a introdução dos missionários brasileiros torne-se mais viável, ou seja, que algumas barreiras iniciais possam ser superadas por via desses elos. Isso pode representar um aspecto positivo para o desenvolvimento das missões mas é um engano considerar que a adaptabilidade transcultural do brasileiro não precisa ser trabalhada no treinamento, por apenas considerar a facilidade do desenvolvimento cultural que há no Brasil. Com isso, se o missionário não tiver um bom treinamento estruturado em questões como a língua, relação com os nacionais, facilidade de interação, etc, os resultados obtidos podem ser profundamente negativos para o interior do processo missionário.

O principal perfil do missionário é a importância da convicção do “chamado”. O missionário precisa ter perseverança, flexibilidade e fundamentalmente saber ser estável em situações de pressão. Os missionários no geral vão com suas famílias para o campo. Outro principal perfil é que 70% de missionários são mulheres, pois encontram destaque na evangelização, espaço que não encontram dentro das igrejas. Uma diferença com os missionários americanos, por exemplo, é que os brasileiros vivem mais integrados à sociedade em que atuam, ao passo que os americanos vivem um pouco distantes do povo.

Em suma, o principal traço dos missionários brasileiros é o grande desprendimento pessoal e a prontidão para o sacrifício. Essas são pessoas vocacionadas realmente que pretendem realizar um projeto missionário de seriedade, e não se espera que apareçam aventureiros que encontrem no trabalho missionário uma via de experiência transcultural simplesmente, embora ser missionário tem sido uma das formas de se driblar questões como o desemprego.

O Desenvolvimento Missionário Católico Brasileiro.

O primeiro aspecto para começarmos a entender o processo missionário católico deve partir da compreensão das causas e conseqüências ocorridas com o Concílio Vaticano II. A principal contribuição foi o entendimento da universalização da salvação. Isso representou um importante passo para a separação cotidiana entre “Igreja” e “Mundo”. Assim, a Igreja tenderia a se tornar presença no mundo.

É exatamente a partir dessa concepção da dimensão planetária da Igreja que houve o grande despertar para a missão das congregações católicas brasileiras. O sentimento missionário presente nesta dimensão é o de se tornar presente no mundo.

O primeiro risco que pode se presumir a partir disso é uma certa generalização de se fazer missão. Essa ampliação em escala planetária da dimensão missionária tende a suplantar as especificidades que a prática cristã católica deve assumir. A característica brasileira das missões é o olhar “provinciano” de se fazer missões, o que pode ser entendido como uma barreira. É comum que o viés mais usual das missões católicas são do tipo “missão popular”. O ganho eclesial que isso supostamente pode apresentar, não revela as dimensões mais atuais da esfera da vida humana em transformações globais.

O despertar missionário produzido com o Concílio Vaticano II assume também a perspectiva do redescobrir a “catolicidade”, o que isso mais uma vez dá sinais da intencionalidade em buscar soluções religiosas em nível global. Embora isso pareça ser de certa forma uma característica intrínseca do próprio catolicismo, com o Concílio Vaticano II o que se observou é exatamente o *aggiornamento* de que a Igreja estava necessitando.

Com este *aggiornamento* buscou-se oferecer uma “nova fé” para uma “nova humanidade mundial”. Na verdade isso se constituiu num grande desafio pelo qual a Igreja atravessaria.

A ênfase missionária assumida a partir do Concílio diz respeito à Missão Social da Igreja. Ao contrário da missão religiosa que se pautava pela conversão de pagãos, a missão social tem como prioridade o serviço da humanidade. Neste sentido, o que está embutido neste revigoramento da missão é a ênfase nos pobres, marginalizados, excluídos, etc. A

relação dessa nova ênfase recai no fato de que esse novo foco é na realidade produto da transformação do processo da globalização em andamento.

Um dos principais dilemas apontados no atual contexto global para a prática missionária é exatamente como conciliar o anúncio da “fé”, ou ainda, a “boa nova” do Evangelho num momento em que as pessoas encontram uma pluralidade de possibilidades de construírem sua religiosidade.

O principal estudo realizado sobre os missionários católicos brasileiros foi feito pelo Pe. Giorgio Paleari pertencente ao COMINA (Conselho Missionário Nacional). É com base neste estudo³ que vamos analisar as missões católicas brasileiras.

O principal dado levantado é que existem fora do Brasil 1556 missionários, entre brasileiros e brasileiras. Esse número é muito pequeno, segundo a opinião de Frei Carlos⁴. Os aspectos levantados nesta pesquisa se referem aos critérios de identidade, origem, formação, envio, destino, atividade e residência dos missionários. Deve-se destacar também que é o primeiro estudo dessa natureza com relação ao processo missionário de religiosos católicos brasileiros. Por isso, deve-se levar em consideração que não há um aprofundamento refinado de análise sobre os dados levantados na pesquisa do Pe. Giorgio Paleari.

O primeiro entendimento possível sobre os caminhos missionários católicos diz respeito à maturidade que a Igreja adquire quando se volta para as missões. Esta constatação, embora nos pareça estritamente uma percepção teológica, reforça primordialmente a necessidade de se fazer continuamente missão. Essa necessidade é a de tornar a Igreja presente em todos os povos, com sua capacidade de contextualização.

O continente africano é o que mais recebe missionário católico do Brasil. Do total de 1556, 551 estão na África. Em segundo lugar, com 447 missionários é a América do Sul, e em terceiro lugar é a Europa. As razões para esse fluxo missionário podem ser entendidas pela carência estrutural dos países africanos em primeiro lugar, além da suposta facilidade de aproximação lingüística de alguns países de língua portuguesa como Moçambique, que é o primeiro país que mais recebe missionários, com 11,12% (173). Outros dois países africanos que mais recebem missionários são: Angola com 8,61% (134) e Guiné Bissau

³ PALEARI, Pe. Giorgio. (2002) “**As Missionárias e os Missionários Brasileiros Além-fronteiras**”. PIME.

⁴ Frei Carlos é missionário da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos de Piracicaba

com 2,83% (44), que são também países de fala portuguesa. Do total de países, esses dois países africanos representam o 3 ° e o 8 ° lugar respectivamente.

Dos países da América do Sul, a Bolívia é a que mais recebe missionário católico com 6,68% (104), e fica em 4 ° lugar do total. O principal foco de trabalho dos missionários é com a população indígena dos Andes. Outra facilidade é a aproximação das fronteiras. Em seguida a Argentina representa 5,27% (82), Paraguai com 4,76% (74) e Chile com 3,79% (59). Esses quatro principais países da América do Sul que mais recebem missionários católicos podem ser entendidos tendo facilitador a aproximação de deslocamento geográfico, pois são países que estão bastante próximos das fronteiras brasileiras, além de possuírem contextos sociais bastantes próximos ao brasileiro.

O terceiro continente que mais recebe missionários católicos é a Europa. Itália representa o 2 ° país que mais recebe missionários católicos, que representa 10,80% (168). A razão para este fato é bastante simples, pois os missionários que estão presentes na Itália, em sua grande maioria estão desenvolvendo atividades nas casas das ordens religiosas sedes a que pertencem. O segundo país europeu que mais recebe missionário é Portugal, que representa 2,31% (36) e fica em 10 ° lugar do total, e a França em terceiro lugar com 2,12% (33) e fica em 15 ° lugar do total.

Entre os 20 primeiros países deve-se destacar a situação das Filipinas que recebem 2,12% (33), e fica em 14 ° lugar do total, e representam a mesma porcentagem da França.

A América Central, América do Sul e a América do Norte representam juntas 39,53% (615) do total dos missionários, enquanto a África em segundo lugar representa 35,41% (551). Oceania, Ásia e Europa representam os 25,06% restante.

O contexto das missões católicas tem ênfase no mundo urbano. Essa tendência segue a lógica do processo migratório em direção os centros urbanos. Esse novo direcionamento, como aponta Pe. Giorgio em seu relatório, “certamente trará conseqüências na maneira de preparar as forças missionárias, de desvendar caminhos de evangelização na cidade e de elaborar uma nova espiritualidade [...] O urbano exige novos caminhos e se apresenta como desafio para a missão.” Isso representa que o grande desafio interno que a Igreja tem passado nos últimos anos é como conseguir adequar o discurso missionário com a exigência social do contexto urbano. Ou seja, em muitos momentos a

Igreja parece ainda conservar um “discurso rural” para seus fiéis que já são essencialmente “urbanos”.

Uma categoria do tipo de missões católicas é a missão “rural-urbana”, que representa uma realidade híbrida entre os centros urbanos e as áreas rurais, como aponta Pe. Giorgio, e representa 25% da presença missionária. O contexto urbano representa 56,68% da presença de missionários. A Europa se destaca com 83,78% de presença missionária em área urbana. Nas Américas a presença no contexto urbano é de 52,36%, na Ásia é de 68,29% e na Oceania é de 58,33%. Somente a África que apresenta uma porcentagem menor do que 50%, 45,19%. A menor presença no contexto rural é na Europa com 1,01%.

A principal atividade é de pastoral geral, que envolve 590 missionários em funções nas paróquias, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), catequese, etc. O envolvimento missionário dessas pessoas é durante os rituais litúrgicos.

O segundo tipo de atividade missionária concentra-se em áreas sociais, como por exemplo, serviços de saúde em hospitais, além das obras assistenciais. Este tipo de atividade envolve 289 missionários brasileiros. Em terceiro lugar estão os projetos congregacionais que envolvem atividades de formação de religiosos e presbíteros, e também funções em cargos locais de direção, etc. Atuam nesta atividade 277 missionários.

Em quarto lugar está a atividade da pastoral específica com 113 missionários que trabalham com os migrantes, indígenas, etc. Em quinto lugar se destaca a atividade de evangelização, onde atuam 92 missionários. Esse tipo de atividade é considerado também como “primeiro anúncio”, que foi o modelo clássico de missões no período colonialista do Novo Mundo no século XVI.

Outras atividades como educação formal e informal, pastoral vocacional, ensino nas universidades, editoria, animação missionária, vida contemplativa, etc., somam 152.

As missões católicas possuem o rosto essencialmente feminino. São 1248 mulheres (80,21%), enquanto que os homens são 208 (19,79%). A principal característica da força feminina nas missões católicas deve ao fato de que as missões-além fronteira são feitas por religiosas de congregações.

As cinco primeiras atividades missionárias femininas são: pastoral geral (473), área social (269), projeto congregacional (212), área educativa (80) e evangelização (77). Isso

representa que as mulheres estão mais ligadas às atividades de catequese, e também atividades em hospitais, obras assistenciais como orfanatos, creches, asilos, etc.

As cinco primeiras atividades missionárias masculinas são: pastoral geral (117), projeto congregacional (65), pastoral específica (51), área social (20) e branco (17)⁵. Podemos perceber que os missionários homens estão mais presentes em atividades de cargos locais nas congregações e sua função na pastoral geral é essencialmente celebração eucarística. Uma particularidade são as atividades da pastoral específica, onde os missionários homens estão mais atuantes com os brasileiros que estão morando fora do país. Os principais locais dessa atividade são os EUA e Canadá.

Na Ásia as principais atividades dos missionários são: projeto congregacional com 33 missionários (41%), pastoral geral com 22 missionários (27%) e evangelização com 11 missionários (13%). É possível perceber que os missionários católicos na Ásia possuem um forte sentimento “catequizador”, e os mais enviados vão para assumir cargos locais das congregações. A principal proposta evangelizadora de cunho missionário que a Igreja Católica desenvolve é o trabalho de uma “pastoral de manutenção”. Isso significa que a preocupação fundamental é manter os fiéis católicos que existem, embora representem um número muito pequeno. A conversão é muito pequena. Outras formas de atuação bastante destacáveis das missões católicas na Ásia são os trabalhos através da “Obras” beneficentes assistenciais. Essa é a principal forma de chegada dos missionários.

Na Europa as principais atividades são: projeto congregacional com 84 missionários (28,38%), área social com 78 missionários (26,35%) e pastoral geral com 68 missionários (22,97%). As atividades missionárias na Europa têm um forte vínculo direto com as chamadas “Casas Gerais” das congregações, onde os missionários atuam no cuidado de religiosos enfermos e idosos. Assim, o favoritismo na Europa é dado pelos trabalhos com atividades já estruturadas das congregações.

Na Oceania as principais atividades são: pastoral geral e evangelização com 3 missionários cada uma (25%), área social e projeto congregacional com 2 missionários (16,67%), área educativa e pastoral específica com 1 missionário cada (8,33%).

⁵ Não há explicação desta categoria nos Estudos de Pe. Giorgio Paleari

Percebemos, apesar da presença mínima de missionários, uma equidade na distribuição dos missionários, que desenvolvem trabalhos essencialmente eclesiais.

Na África as principais atividades são: pastoral geral com 210 missionários (38,92%), ação social com 124 missionários (22,98%) e projeto congregacional com 75 missionários (13,90%). Os missionários estão voltados para as atividades de organizações das comunidades cristãs, além das atividades assistencialistas que são imprescindíveis para o contexto africano.

Na América do Norte o trabalho é essencialmente de pastoral específica com 20 missionários (40,82%). Em seguida atividades da pastoral geral com 9 missionários (18,37%) e projeto congregacional com 8 missionários (16,33%). Os missionários estão trabalhando com os brasileiros, latinos e cabo-verdianos, que moram nos EUA. Na América do Sul o trabalho mais destacado é com a pastoral geral com 221 missionários (49,44%). Em seguida projeto congregacional com 65 missionários (14,54%) e em terceiro lugar, atividades da área social com 57 missionários (12,75%). Na América Central a primeira atividade é pastoral geral com 57 missionários (47,90%), em segundo lugar área social com 19 missionários (15,97%) e em terceiro pastoral específica com 12 missionários (10,08%). O tipo de trabalho desenvolvido pelos missionários no contexto latino-americano é essencialmente de pastoral geral. Isso se deve pela aproximação eclesial que existe na América Latina com destaque aos trabalhos do tipo Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e também da Teologia da Libertação. Um importante aspecto que une as aspirações teológicas da Igreja na América Latina é o CELAM (Conferência do Episcopado Latino-Americano).

Com relação ao tempo que os missionários passarão, ou estão fora do Brasil, destaca-se o período de 1 a 4 anos. Esse momento é fortemente marcado pelos impactos na economia brasileiros de meados dos anos 90. Como possível resultado das facilidades que a paridade monetária do Real com o Dólar promoveu, estão fora do Brasil 507 missionários, que corresponde a 33% do total de missionários.

As congregações religiosas representam 98,5%, apenas 1% são padres diocesanos e 0,5% são leigos. Dessas congregações, as religiosas representam 1244 missionárias (79,95%), enquanto que os religiosos representam 230 missionários (14,78%). Isso

significa que a maioria, mulheres e religiosas, representa a força viva da missão? Essa é uma das principais perguntas levantadas pelo Pe. Giorgio Paleari em sua pesquisa. De qualquer forma, uma resposta que podemos formular é que a “cara missionária” da Igreja Católica de hoje é, sem dúvida alguma, diferente da “cara missionária” do século XVI, onde a força missionária concentrava-se nas mãos dos religiosos. Esse fato representa uma grande guinada do pensamento religioso católico, cujas dimensões e repercussões são ainda difíceis de serem estruturadas dado que o processo se encontra em andamento.

No que diz respeito à formação dos missionários, 863 missionários (54,45%) possuem Curso Superior, 588 missionários (37,79%) possuem Curso Médio e 80 missionários (5,14%) possuem Curso Fundamental. Com relação aos homens, 270 (88%) possuem Curso Superior, enquanto que 25 (8%) possuem Curso Médio. Isso indica que a maioria dos homens sai para as missões após completarem integralmente a formação eclesial. Com relação as mulheres, 593 (47,52%) possuem Curso Superior e 563 (45,11%) possuem Curso Médio. Isso nos indica que as religiosas saem para as missões antes de professarem os chamados “votos perpétuos”. A formação superior dos missionários é representada basicamente pelos cursos de graduação em Teologia e Filosofia. Há também, por necessidade de atuação nas obras assistenciais, missionários que possuem formação em cursos de saúde, como a graduação em Enfermagem, mais comum entre as mulheres.

O estado do Rio Grande do Sul contribui com 377 do total de missionários, seguido de Minas Gerais com 207, São Paulo com 195, Santa Catarina com 192 e Paraná com 171. Esses são os cinco principais estados brasileiros que mais contribuem com o número de missionários enviados.

Das 20 primeiras congregações religiosas que mais enviam missionárias e missionários, 16 são femininas e 4 masculinas, e das 10 primeiras femininas, as 5 primeiras são de fundação brasileira. De cada 3 congregações de origem brasileira, uma tem missionária além-fronteiras.

Segundo os indicativos de Pe. Giorgio Paleari, “o fato de que várias Congregações religiosas, surgidas no Brasil, tenham em seu bojo uma grande sensibilidade missionária e

universal, faz pensar no desejo profundo de partilhar e de oferecer uma experiência original” (PALEARI, 2002).

A questão da preparação missionária tem sido de relevante preocupação das congregações. Tendo em vista que o processo missionário católico brasileiro está caminhando para um amadurecimento, a preparação dos missionários deve ser observada com atenção devida, especialmente no que se refere aos tópicos de preparação “cultural” dos missionários. Antes que um missionário saia para trabalhar em outro país, costuma-se sabatina-lo em Brasília, que é a sede da CNBB. Essa tem sido uma das cautelas que o clero católico brasileiro tem tido com relação aos possíveis choques culturais que os missionários sofram em campo. A primeira atitude tomada quando um missionário apresenta algum problema, é recolhe-lo. Essa é uma das questões pouco explorada na pesquisa do Pe. Giorgio Paleari, mas que merece atenção, pois há um sentimento de que, quem está em missões além-fronteiras está quase completamente esquecido.

Conclusão

Analisando a religião do planeta global, Reginaldo Prandi (1997) dá os sinais onde é possível começar a entender uma das facetas do processo missionário brasileiro. O mundo moderno (globalizado) é, segundo Prandi (1997,p.63), um mundo desencantado. “A sociedade se descartou em grande parte da religião e a religião da magia”. Como conseqüência desse processo, Prandi observa que há dois motivos que legitimam o crescimento das religiões. Em primeiro lugar esse mundo desencantado produz uma sociedade problemática e fragmentado. Esse mundo se torna um substrato importante para proliferação das religiões. Em segundo lugar, as religiões são verdadeiras fornecedoras de “soluções”. Neste sentido, as religiões parecem assumir seu caráter utilitarista de prestadoras de serviços. Enfim, tem-se constituído efetivamente segundo a análise de Prandi (1997, p.70) a “religião do mercado sem fronteiras”.

O conteúdo programático de cunho teológico das missões cristãs (evangélicas e católicas), traduz-se em orientações entre religião e sociedade. Ao mesmo tempo em que a propagação da revelação de “Deus”, contida na justificativa religiosa dos trabalhos

missionários, é outra razão parece sustentar ainda mais a suposta necessidade real dos trabalhos religiosos missionários. Trata-se de levar em consideração o empenho na realização de trabalhos de cunho social, ou seja, atividades que promovam a possibilidade de uma transformação da ordem social que se encontra caótica, ou mesmo desestruturada, fornecendo serviços de auxílio na formação educacional de crianças e jovens, como também serviços de saúde em hospitais, etc.

Analisando o desempenho do processo missionário evangélico e católico, vemos que um primeiro aspecto são as formas de chegada nos países. Pode-se perceber que a motivação para a entrada de missionários transculturais brasileiros é produto de uma conciliação de fatores que permitem a receptividade dos missionários, como em casos de uma desestruturação social, política e econômica em que o país está passando. Assim, a necessidade da missão aparentemente se justifica como condição essencial para aquela população, ou seja, o trabalho missionário torna-se a possibilidade de uma ajuda humanitária ao país, atrelado à maciça evangelização. No caso dos missionários católicos a ida é possivelmente facilitada pela proximidade do vínculo congregacional, já existente no país de destino.

A experiência no campo missionário constrói-se com base nos grandes problemas de mais diferentes ordens enfrentados pelos missionários. Tanto missionários evangélicos como os católicos passam pelo problema do esquecimento por parte da igreja, ou congregação que enviou o missionário. Assim, passado os primeiros momentos após o envio, acaba-se perdendo o contato com o missionário que já está no campo, não enviando mais notícias e até mesmo não enviando mais o sustento.

Há também uma certa frustração inicial que os obreiros evangélicos passam no início de seus trabalhos. Ao chegarem no campo missionário, ao contrário do que acontece no Brasil, as igrejas não estão cheias. Deparam-se, com isso, com a difícil realidade de sua tarefa de expandir a fé cristã, que passa a ter que ser gradual e bastante lenta. A euforia inicial tem que dar espaço à persistência.

O perfil do modelo tradicional do movimento missionário brasileiro, evangélico e católico, parece estar na contra-mão das missões mundiais, quando observada a necessidade do atual contexto social. Por parte dos missionários evangélicos é cada vez

mais necessário que sua formação seja também voltada para uma formação profissional paralela.

O pensamento missionário evangélico transcultural brasileiro encontra-se numa fase de auto-avaliação, segundo professores de missão, onde se observa o que tem acontecido de errado no cotidiano do campo missionário, e quais os desdobramentos desses erros para o trabalho missionário e também para o próprio missionário, passados os momentos iniciais de euforia. O processo missionário católico além-fronteira brasileiro é ainda relativamente recente, por isso, suas mais notáveis conseqüências não são alvo de profundas reflexões teológicas e acadêmicas. O despertar da consciência missionária católica parece estar sendo ainda motivada, especialmente uma participação maior de leigos

À guisa de conclusão, esperamos que este estudo possa ter colaborado com um primeiro entendimento das missões evangélicas e católicas das igrejas brasileiras, encontrando no processo missionário alguns elementos para se pensar também a heterogeneidade do contexto religioso brasileiro.

Bibliografia

COPPI, Paulo De. (coord.) **Por uma Igreja toda Missionária**. Florianópolis, Pontifício Instituto das Missões Exteriores.

DUPAS, Maria Angélica. **Pesquisando e Normalizado. Noções Básicas e Recomendações Úteis para a Elaboração de Trabalhos Científicos**. São Carlos, Edufscar: 2002.

FERREIRA, Valdinei. **A Transnacionalização das Igrejas Evangélicas Brasileiras**. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 2002

FRESTON, Paul, *The International Missionary Impulse of Brazilian Evangelism*. 2002

GABRIEL, Eduardo. **A Globalização da Religião Evangélica Brasileira**. Relatório PIBIC/CNPq/UFSCar Ago./2001 a Jul./2002.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001 (Descobrimo o Brasil)

ORTIZ, Renato. Anotações sobre Religião e Globalização. **Comunicação e Política**. vol. VIII, n.1, pp. 165-176, Rio de Janeiro, jan. 2001.

PALEARI, Giorgio. **As Missionárias e os Missionários Brasileiros Além-Fronteiras**. Disponível em <<http://www.pime.org.br/pimenet/pimemissio.htm>> Acesso em 17 dez. 2002.

PRANDI, Reginaldo. A Religião do Planeta Global. In: _____. **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANKS, T. Howland. **La Globalización y la misión social de la Iglesia**. Disponível em <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/287.htm>>. Acesso em 6 jan. 2003.

VIGIL, José Maria. **La Misión em contexto em América Latina. Câmbios em el contexto que condicionam la misión de hoy**. Disponível em <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/284.htm>>. Acesso em 6 jan. 2003.

VELHO, Otávio. Globalização: Antropologia e Religião. In: _____. **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.